



HOMILIA

Domingo XXVII do Tempo Comum (Ano C)

(Peregrinação da Lugar-Tenência de Portugal à Terra Santa)

Concatedral do Patriarcado Latino

Jerusalém, 3 de Outubro de 2010

Cav. Padre Gonçalo Portocarrero de Almada
Revmo Cerimoniário Eclesiástico da O.C.S.S.J.

HOJE, AQUI E AGORA

Domingo XXVII do Tempo Comum (Ano C)

1. Introdução. *«Se hoje ouvirdes a voz do Senhor, não fecheis o vosso coração»* (Salmo 94, (95), 1-2). Este propósito de conversão, expresso de forma tão significativa neste versículo do Salmo 94, que há breves momentos, no decurso desta liturgia da palavra do XXVII Domingo do Tempo Comum, tivemos a ocasião de recitar e de repetir como refrão, é um chamamento à responsabilidade de quem se sabe e é, por misericordioso desígnio divino, destinatário da mensagem do Senhor.

Nós, com efeito, somos o povo de Deus, porque a sua palavra nos foi dada, não apenas no verbo inspirado da Sagrada Escritura, mas sobretudo no Verbo encarnado do seu Filho unigénito, aquele Filho muito amado que o Pai do Céu nos enviou para que nós O ouvíssemos e, pondo em prática os seus ensinamentos, tivéssemos a vida em seu nome (cfr. Jo 20, 31).

Como escreve, a este propósito, Clemente de Alexandria, *«a graça da promessa de Deus é abundante, se hoje ouvirmos a Sua voz, porque este hoje estende-se a cada novo dia [...] Este hoje permanece até ao fim dos tempos, como permanece também a possibilidade de aprendermos. Nesse momento, o verdadeiro hoje, o dia sem fim de Deus, confundir-se-á com a eternidade. Obedeçamos pois sempre à voz do Verbo divino, à Palavra de Deus encarnada, porque o hoje de sempre é a imagem da eternidade e o dia é símbolo da luz; ora, o Verbo é para os homens a luz (Jo 1, 9) na qual vemos a Deus»* (Clemente de Alexandria, *Protréptico*, 9; in PG 8, 195-201, a partir da trad. SC 2, p. 143, cfr. Orval).

Hoje, estamos de facto a ouvir a voz do Senhor, que nos fala através da sagrada liturgia e por meio dos textos sagrados, mas também ao nosso coração, ao coração de cada um de nós, num sussurro íntimo, num apelo amoroso, numa quase imperceptível chamada a uma mais profunda renovação interior: *«Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e me abrir a porta, entrarei em sua morada, cearei com ele e ele comigo»* (Apc 3, 20)

Hoje, esta consciência viva de que somos, verdadeiramente o povo do Senhor, se aviva pelo facto de nos encontrarmos na Terra Santa, no mesmo lugar onde ecoaram há dois mil anos as palavras humanas e divinas – dir-se-ia tão magnificamente humanas que não podiam senão ser divinas – do nosso Salvador.

Que emoção, ao calcorrear as ruas que o Mestre incendiou com o seu verbo inflamado: *«Eu vim trazer fogo à terra e como desejaria que já estivesse ateadado! Eu tenho de receber um baptismo, e quão grande é a minha ansiedade até que ele se conclua»* (Lc 12, 49-50).

Que estranha sensação se apodera das nossas almas quando nos apercebemos que o nosso olhar poisa sobre aquela mesma lonjura que inspirou ao Senhor do tempo e da História palavras de esperança e de bênção: *«Eu digo-vos: Levantai os olhos e vede os campos que já estão brancos para a ceifa»* (Jo 4, 35).

Que estremecimento interior ao divisar o céu azul, que se reflectiu no amabilíssimo olhar de Jesus, quando se dirigiu ao Pai em acção de graças, numa prece que é também maravilhosa manifestação da sua consubstancial filiação divina: *«Eu te louvo, ó Pai, Senhor do Céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e prudentes e as revelastes aos pequeninos, porque assim foi do Teu agrado»* (Mt 11, 25-26).

Que extraordinária experiência esta nossa peregrinação, em que se realiza fisicamente o nosso propósito de seguir Jesus, pois estamos a pisar a terra que Ele palmilhou, vivendo estes dias de graça onde Ele viveu a sua vida terrena. Nestes Santos Lugares, não obstante os vinte séculos decorridos sobre a Sua passagem por este mundo, ainda se pressente a Sua santíssima humanidade, como se aqui tivesse ficado impregnada, como um suave odor da Sua divindade. Não será exagerado, por isso, afirmar que em cada recanto desta cidade de Jerusalém e de toda a Terra Santa se vislumbra a realidade da Sua existência, porque não obstante a sua ausência física, Ele faz-se presente, pela certeza da nossa fé. De facto, ainda que o mundo O não tenha conhecido (cfr Jo 1, 10), nós sabemos pela fé que professamos que Ele vive no meio de nós, porque ressuscitou (cfr Lc 24, 6).

Hoje, aqui e agora, é a hora da nossa conversão. Não o digo como mestre, que não sou, mas em oração ao Senhor e digo-o sobretudo a mim mesmo, sugerindo a

quantos partilham comigo a graça desta peregrinação, que façam seu este propósito: *«Quem dera ouvísseis hoje a sua voz: “Não endureçais os vossos corações, como em Meriba, como no dia de Massa no deserto, onde vossos pais Me tentaram e provocaram, apesar de terem visto as minhas obras”»* (Salmo 94 (95), 8-9).

Senhor, convertei-nos! Senhor, não permitais que se feche o nosso coração! Pai nosso, fazei que este itinerário pela Terra Santa seja um tempo de crescimento espiritual, para que todos nós, à imagem e semelhança do vosso Filho unigénito, cresçamos *«em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens»* (cfr Lc 2, 52).

2. A lamentação do profeta. *«Até quando, Senhor, chamarei por Vós e não me ouvís? Até quando clamarei contra a violência e não me enviáis a salvação? Porque me deixais ver a iniquidade e contemplar a injustiça? Diante de mim está a opressão e a violência, levantam-se contendias e reina a discórdia»* (Hab 1, 2-3).

Os tempos hodiernos não tiraram actualidade a este lamento do profeta Habacuc, a que se fez eco na primeira leitura da liturgia da palavra. Mas o cenário desolador que o Senhor Deus do Universo fez ver ao seu enviado, ou permite que nós agora contemplemos nesta nação e no mundo inteiro, não deve ser razão para uma estéril lamentação, mas acicate para a oração e a acção. Na realidade, a constatação da falta de paz e da injustiça, nomeadamente nesta Terra Santa – que, por esta razão, deveria ser, mais do que nenhuma outra, um reino de justiça e de paz – não deve produzir no nosso ânimo um sentimento de desolação ou de uma insuperável impotência, em cujo caso a única atitude razoável seria a tristeza e a passividade. É fácil deixar-se levar por esse pessimismo que, com ares de equilibrada objectividade, parece legitimar um certo alheamento em relação aos males desta terra e do mundo que, com efeito, parecem definitivamente fora do âmbito da nossa acção.

Ao contrário do que uma análise humana poderia levar a crer, a visão da fé própria de um cristão é, dentro do realismo a que a nossa razão obriga, de esperança e de compromisso num renovado empenhamento social. Tal como afirma o salmo segundo, que os cruzados de outrora recitavam antes de entrarem no campo de batalha, todos os povos da terra e o próprio orbe foram entregues a Cristo e à sua Igreja e, por isso, o cristão sente-se responsável pelo mundo inteiro. Por isso a nossa Igreja é católica, ou seja, universal. Não se pode ser verdadeiramente fiel da Igreja e não sentir

ânsias da redenção mundial, porque a pátria dos cristãos ultrapassa os estreitos limites dos nacionalismos e dos particularismos culturais, para se afirmar na universalidade católica da nossa fé.

Se é verdade que todas as gentes são de Cristo e estão, de algum modo, submetidas ao seu poder (cfr. Mt 28, 18), não quer isto dizer que é missão da Igreja estabelecer um império mundial, ao modo como os senhores terrenos se empenham em adquirir sempre mais domínios, ou uma maior autoridade, para os seus Estados. Mais do que governar os povos do mundo – tentação que Cristo energicamente repeliu no deserto (cfr Mt 4, 8-10) – é missão da Igreja servi-los através dos divinos meios de que foi dotada: o Pão e a Palavra, os sacramentos e a doutrina; a graça santificante e a luz da verdade e da sabedoria.

É comum, pelo menos entre alguns cristãos, a tentação de justificar a própria passividade com a impossibilidade de resolver os problemas de todo o mundo. Ou seja, não faltam fiéis que, embora cientes de que a sociedade presente padece terríveis males, se desculpam, considerando que a modéstia da sua condição não lhes permite dar remédio ao que só muito dificilmente tem conserto. É verdade que cada um de nós, se contar apenas com as suas próprias forças, pouco ou nada pode fazer (cfr. Jo 15, 5), mas não é menos verdade que não estamos sozinhos, porque o Senhor está connosco e, como ensinava o Apóstolo, tudo podemos n'Aquele que nos conforta (cfr Flp 4,13).

É a esta atitude que o Senhor alude, quanto nos ensina que a fé, embora pequena quanto o é uma pequena semente, é suficiente para produzir frutos gigantesco: *«Se tivésseis fé como um grão de mostarda, diríeis a esta amoreira: “Arranca-te daí e vai plantar-te no mar”, e ela obedecer-vos-ia»* (Lc 17, 6). Ou seja, se a fé que nos é dada por Deus pode produzir, por si mesma, um tão extraordinário efeito, então a inexistência dessa maravilhosa fecundidade na nossa vida pessoal, familiar, profissional e social releva, pela certa, falta de correspondência à acção da graça na nossa alma e, conseqüentemente, na nossa família e no nosso país.

Como já ensinava Santo Agostinho, se este tempo, que é o nosso, é mau é porque nós somos maus, pois os tempos são em função das pessoas e não ao contrário. Assim sendo, o santo Bispo de Tagaste, concluía dizendo que, se queremos verdadeiramente que os nossos tempos sejam bons, temos que ser nós próprios melhores. Na realidade, poder-se-ia dizer que a única parte do universo que cada um de

nós pode efectivamente melhorar é a sua própria alma: uma pessoa que se converte, eleva consigo todo o mundo, porque desse seu avanço espiritual se beneficia toda a sua família e, pela comunhão dos santos, a Igreja universal e até, de algum modo, toda a grande família humana.

Muito embora o mundo inteiro tenha sido dado por herança à Igreja, para uma maior eficácia do apostolado cristão é conveniente que cada fiel não só esteja seriamente empenhado na sua própria santificação, mas também seja responsabilizado por um âmbito apostólico específico, ou seja, por aquele modo de contribuir para a evangelização universal que mais se adequa à sua pessoa e circunstâncias. É neste sentido que São Paulo compara a comunidade cristã ao corpo humano (cfr. 1Cor 12, 12-30), pois de forma análoga a como todos os membros são igualmente partes do mesmo indivíduo e tendem para o seu bem realizando diversas funções, assim também os fiéis, não obstante a sua comum dignidade de filhos de Deus e a sua universal vocação para a santidade e para o apostolado, devem realizar diferentemente a missão eclesial que a todos incumbe, mas não do mesmo modo.

Aos Cavaleiros e Damas da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém pede-se que, honrando em suas vidas todos os compromissos que são próprios da sua condição de fiéis cristãos, vivam uma particular obediência ao Santo Padre e uma especial solicitude em relação à Terra Santa, nomeadamente rezando e ajudando materialmente os cristãos que, neste Santo Lugar, dão continuidade à comunidade primitiva dos primeiros discípulos de Jesus.

Como qualquer outro fiel católico, os membros da nossa Ordem estão obrigados à prática de todas as virtudes cristãs. Para este efeito se lhes exige uma redobrada fortaleza, pois não em vão são membros de uma milícia, ou seja, cristãos não apenas praticantes mas militantes, dispostos portanto a lutar pela sua fé, como recordava São Paulo a Timóteo: *«Deus não nos deu um espírito de timidez, mas de fortaleza, de caridade e moderação. Não te envergonhes de dar testemunho de Nosso Senhor, nem te envergonhes de mim, seu prisioneiro. Mas sofre comigo pelo Evangelho, confiando no poder de Deus»* (2Tm 1, 7-8).

Não nos envergonhemos pois da nossa fé, nem deixemos que os respeitos humanos nos levem a silenciar a mensagem sobrenatural de que somos indignos portadores. No seguimento da gloriosa tradição dos milhares de mártires e de

confessores cristãos, ao longo de dois mil anos de uma História rica em perseguições, saibamos ser também exemplares no exercício da «fortaleza» e da «caridade», segundo o inspirado conselho do Apóstolo das Gentes a Timóteo. No valoroso esteio da heróica memória de inumeráveis Cavaleiros e Damas da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém, sejamos também nós dignos de sofrer, como São Paulo, «*pelo Evangelho, confiando no poder de Deus*» (2Tm 1, 8).

3. Servos inúteis. Depois de comparada a eficácia da fé com a extraordinária fecundidade do grão de mostarda, Nosso Senhor propõe um segundo ensinamento aos seus discípulos: a parábola do servo inútil (cfr. Lc 17, 7-10). E, ao concluir essa história, Jesus afirma que, obviamente, aquele servo não merecia, por ter feito o que tinha que fazer, nenhuma especial recompensa. «*Assim também vós*» – conclui o divino Mestre – «*quando tiverdes feito tudo o que vos foi ordenado, dizei: 'Somos inúteis servos: fizemos o que devíamos fazer'*» (Lc 17, 10).

Não basta fazer o bem, é preciso fazer bem o bem, ou seja, agir sempre com rectidão de intenção (cfr. Mt 6, 1). Esta condição fora já explicitamente enunciada no Sermão da Montanha, em relação ao óbolo, à oração e à prática da penitência. Com efeito, nesse seu discurso programático, Jesus condenou a hipocrisia da esmola dada por motivos interesseiros (cfr. Mt 6, 2-4), revelou a inutilidade de uma prece feita com o intuito de impressionar o próximo (cfr. Mt 6, 5-8) e afirmou a esterilidade do sacrificio que se publicita, na vã esperança de alguma comiseração ou aplauso (cfr. Mt 6, 16-18). Na parábola do servo inútil, aplica-se o mesmo ensinamento à acção apostólica, cuja eficácia sobrenatural se faz depender da humildade do instrumento, que mais não é do que isso, porque o autor da graça é sempre Deus. O servo que orgulhosamente se envaidece do serviço prestado ao seu Senhor, compromete os frutos espirituais do seu apostolado, não apenas em relação às outras almas, mas também à sua própria e a sua vanglória seria isso mesmo, uma glória vã.

Se nos fosse dado imaginar o cenário mais adequado para o nascimento de Deus feito homem, decerto imaginariamos o mais esplendoroso palácio do mais poderoso reino da terra e, contudo, Nosso Senhor veio ao mundo num paupérrimo estábulo de Belém (cfr. Lc 2, 7). Se o mais sábio dos profetas pudesse prever a morte do Messias, nunca imaginaria a sua ignominiosa crucifixão, na companhia de dois

reconhecidos malfeitores (cfr. Mt 27, 38). Ao venerar os Santos Lugares – Belém, onde Jesus nasceu; Nazaré, onde viveu com Maria e José e, como artesão, trabalhou na oficina de seu pai terreno; Cafarnaum, onde pregou a Boa Nova; o Calvário, onde morreu, e tantos outros locais que foram também o cenário da Sua passagem por este mundo – não nos serão dadas a contemplar construções magníficas, mas modestas edificações, que atestam a prosaica existência terrena do Verbo divino. Mais do que com palavras ou sermões, Jesus Cristo ensinou-nos a prática da humildade com o exemplo da sua vida (cfr. Mt 11, 29), que estabeleceu como paradigma da verdadeira existência cristã (cfr. Mt 4, 18-22).

A razão que preside ao propósito de aderir à Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém não pode outra que não seja a de servir a Igreja e a própria Ordem, nos seus diversos empreendimentos em prol da Terra Santa. A honra de pertencer a este exército e a distinção que o mesmo aufere não pode ser a principal motivação de quem pretende ingressar numa instituição eclesial que, fazendo seu o lema do Senhor (cfr. Mt 20, 28), não existe para servir os seus fiéis mas para ser por eles servida na realização da sua missão eclesial. Este empenho, que cada qual procurará realizar na sua própria vida, deverá manifestar-se pela adesão incondicional à doutrina e praxe da Igreja e, também, pela disponibilidade em responder afirmativamente aos chamamentos da Ordem.

O evangelista São João narra, nos seguintes termos, a terceira aparição do Senhor ressuscitado aos seus apóstolos: *«Jesus voltou a mostrar-Se aos Seus discípulos, junto do mar de Tiberíades. Mostrou-Se deste modo: Estavam juntos Simão Pedro, Tomé, chamado Dídimo, Natanael, que era de Caná da Galileia, os filhos de Zebedeu e dois outros dos Seus discípulos. Simão Pedro disse-lhes: ‘Vou pescar’. Responderam-lhe: Nós vamos também contigo»* (cfr. Jo 21, 1-3).

A primeira nota que o discípulo que o Senhor amava nos transmite é uma eloquente expressão daquela unidade que o Mestre quer como primeiro e principal predicado da sua Igreja, que não em vão se afirma *«una, santa, católica e apostólica»*. Com efeito, aqueles discípulos *«estavam juntos»* (Jo 21, 2), não apenas entre si, mas com Pedro, a cabeça visível da Igreja. Por outro lado, aquele que já tinha sido constituído como máxima autoridade eclesial, não recorre ao legítimo uso do seu poder de jurisdição universal para convocar os seus súbditos para a faina que se dispunha realizar, não porque o não pudesse fazer, mas porque tal não era necessário. Na

realidade, bastou que desse conhecimento de um seu desejo para que imediatamente os outros apóstolos, alegremente lhe obedecessem, sem opor qualquer resistência ou hesitação: *«Nós vamos também contigo»* (Jo 21, 3).

É esta a disponibilidade que se espera dos Cavaleiros e Damas da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém, em relação às indicações do Santo Padre e dos seus representantes, do nosso Grão-Mestre, do nosso Grão-Prior e do Lugar-Tenente de Portugal. Aos seus convites para uma mais fervorosa oração, aos seus chamamentos para uma mais activa acção apostólica, aos seus apelos para uma efectiva mobilização de recursos em benefício desta Terra que, mais do que santa, é mártir, saibamos responder, nós também, como há dois mil anos fizeram os apóstolos: *«Nós vamos também contigo»* (Jo 21,3). E tenhamos por certo que, se essa unidade da Igreja e da Ordem for uma realidade viva, o milagre de uma abundante pesca de almas realizar-se-á de novo (cfr. Jo 21, 6-7).

5. Conclusão. *«Exorto-te a que reanimes o dom de Deus que recebeste [...]. Toma como norma as sãs palavras que me ouviste, segundo a fé e a caridade que temos em Jesus Cristo. Guarda a boa doutrina que nos foi confiada, com o auxílio do Espírito Santo, que habita em nós»* (2Tm 1, 6.13-14).

A recomendação de Paulo a Timóteo é também aplicável a todos os fiéis e, em particular, aos se dispõem a ingressar na Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém, ou se preparam para renovarem os compromissos assumidos aquando da sua incorporação. Todos somos chamados a reanimar o dom de Deus recebido no Baptismo, na Confirmação e, para os que já são membros da Ordem, no dia da sua investidura. A todos se pede que agora tomem, *«como norma, as sãs palavras»* do Evangelho, *«segundo a fé e a caridade»* de Nosso Senhor Jesus Cristo. A todos é pedida também a defesa intransigente da boa doutrina, que nos foi confiada, e de que é especial garante o Espírito Santo, que vive e actua na Igreja e fala pela voz do seu magistério.

Recorramos confiadamente à intercessão de Nossa Senhora da Palestina, para que brilhe em nós a luz da fé, da esperança e da caridade. Apesar da nossa condição de servos inúteis, peçamos a Maria que nos alcance a graça de darmos, com a nossa palavra e a nossa vida, um bom testemunho da nossa condição cristã, não para nossa glória, mas para o bem da Igreja e da Terra Santa e para que todos os homens, vendo as

nossas boas obras, glorifiquem o nosso Pai que está nos Céus (cfr. Mt 5, 16). Assim seja!